



contacto



Esta imagem foi criada através da Inteligência Artificial.

Imagem: F. Agency

A revolução da Inteligência Artificial

Flávio da Costa cria e transforma imagens apenas com um computador. O português alerta que as novas tecnologias estão a mudar a forma como percebemos a realidade. É cada vez mais difícil distinguir o que é falso e verdadeiro.



O português que transforma imagens no Luxemburgo

Flávio da Costa trabalha com tudo o que é imagem, desde grafismo à fotografia e vídeo. Agora também faz criações através da Inteligência Artificial. Vestiu políticos como Bettel ou Liz Braz com fatos de super-heróis e as reações foram positivas. No início de uma nova era, há uma revolução que já está a acontecer.

Tiago Rodrigues



Flávio no escritório da sua casa, em Bettembourg.
Foto: Chris Karaba

A imagem era a preto e branco. Como um retrato de família dos anos 40. Duas mulheres de gerações diferentes, a mais jovem na frente, olhando para a direita, e a mais velha atrás, com as mãos nos ombros da moça, levando os lábios ao encontro das suas costas. Intitulada ‘Pseudomnesia: The Electrician’, a “fotografia” do alemão Boris Eldagsen venceu o prémio na categoria “Criativa” do prestigiado concurso Sony World Photography Awards, em abril deste ano. A surpresa foi que aquela não era, afinal, uma fotografia. Era uma imagem criada através da Inteligência Artificial (IA).

O fotógrafo admitiu ter feito o trabalho fornecendo instruções a um gerador de imagens desenvolvido pela OpenAI, a empresa responsável pelo ChatGPT, e recusou o prémio. “Quanto de vós sabiam ou suspeitavam que era gerada por IA? Há aqui qualquer coisa que não bate certo, não é?”, reagiu Eldagsen na altura, afirmando que a sua intenção era descobrir se os concursos estavam preparados para a entrada deste tipo de imagens. “Não estão”, concluiu. “As imagens de IA e a fotografia não devem competir entre si num prémio como este. São entidades diferentes. A IA não é fotografia”.

O caso é lembrado por Flávio da Costa como o “melhor exemplo” de que atualmente já é complicado distinguir o que é verdadeiro e o que é falso. Até para os próprios fotógrafos, que votaram naquela imagem. “Quer dizer que hoje em dia o olho de um fotógrafo já não consegue ver a diferença”, refletiu o português de 45 anos, que também trabalha nessa área. Flávio faz tudo o que tem a ver com imagem, desde grafismo a fotografia e vídeo, com a sua agência de publicidade, que fundou em 2010. Este ano, decidiu começar a criar imagens com IA, apenas por diversão.

Encontrámo-lo na sua casa, em Bettembourg, que é também o seu escritório. De polo escuro, barba cerrada e braços tatuados, tem a figura de um jovem artista. O seu nome

“Hoje em dia o olho de um fotógrafo já não consegue ver a diferença [entre uma fotografia e uma imagem de IA].”

Flávio da Costa

veio para a ribalta durante o período das eleições legislativas de outubro, no Luxemburgo. Flávio tinha criado uma série de imagens dos líderes políticos dos diferentes partidos vestidos de super-heróis. Xavier Bettel de fato azul, ao estilo Capitão América. Luc Frieden de laranja, com uma farda inspirada no Star Trek. Paulette Leneret de vermelho e Sam Tanson com uma capa verde e o “G” de grêng ao peito.

As imagens, criadas através de uma plataforma de IA, foram partilhadas nas redes sociais de Flávio no dia das eleições, a 8 de outubro. Todos os oito líderes foram identificados e as reações foram positivas. Bettel e o Sven Clement, dos Piratas, foram os primeiros a deixar “gosto”. “Estava com muito receio, porque isto toca na imagem pessoal. Há uma lei que protege os direitos e eu usei a imagem deles para divulgar as minhas competências, sem lhes ter perguntado. Mas corri o risco e reagiram bem, então fiquei um pouco mais calmo”, disse entre risos, enquanto bebia o café.

As reações foram aliás tão boas, que no dia seguinte o português publicou uma nova imagem: os três líderes dos partidos mais votados – Frieden do CSV, Bettel do DP e Leneret do LSAP – com uniformes de fórmula 1, como no pódio de uma corrida. A ideia de Flávio era mostrar alguma competitividade nas eleições, com humor à mistura. “Tenho uma crítica muito grande em relação aos políticos luxemburgueses: toda a gente é amiga de toda a gente e não há aqueles debates como em Portugal ou França, em que as ideias são discutidas. Aqui a política é muito passiva. O que faltava nesta campanha era mais paixão”, defendeu.

Uns dias depois, a segunda vaga de super-heróis. Desta vez, os 13 novos deputados do Parlamento. Entre eles, está a lusodescendente Liz Braz, que foi ilustrada como Mulher Maravilha. “A Liz também me agradeceu. Mandou-me uma mensagem em luxemburguês a dizer ‘obrigada, ficou muito bom!’”, contou Flávio. A ideia dos super-heróis, explica, tem a ver com o facto de que ser político requer uma certa coragem e “as personagens com mais coragem são os super-heróis”. Além da política, o artista também criou imagens de outros temas como o conflito Palestina-Israel ou a seleção de futebol do Luxemburgo.

“Não tenhas medo de mim”

Em novembro do ano passado, a IA abriu-se ao mundo, com o lançamento do ChatGPT. Em outras palavras, é um ‘chatbot’ online de in-



O primeiro-ministro Xavier Bettel (DP) vestido com um fato azul ao estilo Capitão América.

Imagem: F. Agency



Sam Tanson com uma capa verde e o “G” do dêi grêng ao peito.

Imagem: F. Agency



A lusodescendente Liz Braz (LSAP), que foi eleita deputada, transformada em Mulher Maravilha.

Imagem: F. Agency



Luc Frieden (CSV) com uma farda laranja inspirada no Star Trek.

Imagem: F. Agency

teligência artificial, que é como quem diz um programa de computador que tenta simular um ser humano numa conversa com uma pessoa. Por exemplo, se perguntarmos ao ChatGPT “o que é a inteligência artificial?”, este responde-nos que se refere “à simulação da inteligência humana em máquinas que são programadas para pensar e aprender como os seres humanos”. E acrescenta: “O objetivo da IA é desenvolver sistemas capazes de realizar tarefas que normalmente requerem a inteligência humana, como a perceção visual, o reconhecimento da fala, a tomada de decisões e a tradução de línguas”.

Devemos ter receio da IA? “Não, não precisas de ter medo de mim. Sou apenas um programa de computador criado pela OpenAI chamado GPT-3.5. Não tenho experiências pessoais, emoções ou intenções. O meu objetivo é ajudar e fornecer informações da melhor forma possível, com base nas informações que recebo”, respondeu o ChatGPT. Mas deixou um alerta: “No entanto, é crucial que os utilizadores e os criadores abordem a utilização da inteligência artificial de forma responsável. Isto inclui a abordagem de considerações éticas, a garantia da privacidade e da segurança e a tomada de consciência de potenciais preconceitos nos sistemas de IA”.

Além dos programas de conversação, a IA também chegou ao mundo visual, com serviços que geram imagens a partir de descrições de texto feitas por humanos. No início, isso deixou Flávio preocupado. “As coisas evoluíram muito rápido, com muitas ferramentas que hoje se podem utilizar. Assusta, porque se pode pensar que talvez já não seja preciso um fotógrafo, porque a IA faz a imagem. Estamos nesta fase em que não se sabe o que pode acontecer nos próximos anos”, notou. Mas o profissional só tinha duas opções: ou procurava outro trabalho ou adaptava-se à nova tecnologia.

Então Flávio começou a interessar-se pelas novidades e passou a utilizar o Midjourney, um dos maiores serviços de IA em termos de criação de imagem. Qualquer pessoa pode registar-se naquela plataforma e criar as suas imagens com base em textos, ao descrever o conteúdo que se quer. O português utiliza as competências de fotógrafo e grafista para obter melhores resultados. “Não digo apenas ‘quero um homem vestido de super-homem’. Digo: ‘quero um homem vestido de super-homem, fotografado com uma objetiva tal, num ângulo tal, com abertura tal’. E a IA vai buscar esses pormenores para criar a imagem”.

Um autodidata criativo

Flávio nasceu no Luxemburgo, mais concretamente no bairro do Grund, em 1977. É filho de emigrantes, que deixaram Portugal para fugir à ditadura. A família é natural de Cervães, concelho de Vila Verde, na região do Minho. ▶

“Agora já não se pode olhar para uma fotografia e assumir que é verdadeira.”

Flávio da Costa

Por vezes, admite o autodidata, ainda é preciso usar o Photoshop para fazer uns retoques, porque o programa “não é perfeito, mas faz umas coisas interessantes”. As competências que adquiriu com o grafismo, a fotografia e o vídeo são agora úteis para tornar as imagens mais realistas. Porém, Flávio receia que, no futuro, a técnica seja cada vez menos importante e que a criatividade é que faça a diferença. “Cada um vai poder usar a técnica para escrever o que quer, mas nem toda a gente tem a mesma criatividade para atingir um bom resultado”.

Enquanto profissional independente e único na própria empresa, Flávio sente-se dividido. Por um lado, se tivesse de trabalhar sem a IA, iria precisar de um estúdio, um fotógrafo, um maquilhador, uma pessoa para tratar da iluminação, ou seja, pelo menos quatro pessoas. Por outro lado, com a IA, pode trabalhar sozinho em qualquer lugar. “Hoje há uma escolha: ou ficas com os teus valores e arriscas daqui a um certo tempo a ser ultrapassado ou tentas acompanhar da melhor forma que podes, porque vais continuar a fazer o que gostas, mas de outra forma”, explicou.

Flávio trabalha por conta própria e tem a sua agência de publicidade. O escritório é a sua casa, em Bettembourg, mas pode fazer o trabalho em qualquer lugar.

Foto: Chris Karaba



(Continuação da página 5)

Primeiro veio o avô, no início dos anos 70, para trabalhar como carpinteiro. Depois chegou o pai, em 74, quando tinha apenas 17 anos, igualmente dotado na arte da madeira, e a seguir veio a mãe. Quando terminou o liceu, não sabia que área queria seguir e acabou a estudar comércio na universidade. “Mas não estava muito convencido”, recorda.

Mais tarde, passou a trabalhar num banco. Lembra-se perfeitamente que começou em agosto de 2001, pouco antes do atentado do 11 de Setembro, em Nova Iorque. “Foi uma crise logo ao início”, conta. Flávio tratava da parte informática, mas foi percebendo que o que mais lhe interessava era a área da comunicação gráfica, mais criativa. “Quis sempre fazer algumas coisas que me agradavam mais. Fazia umas animações e uns sites de Internet. A partir daí, consegui entrar no serviço de comunicação do banco e comeci a ter cada vez mais clientes de fora”.

O primeiro site que desenvolveu foi para a Miss Portugal no Luxemburgo, revelou, quase como uma piada. Mergulhou no mundo da criação, da publicidade, dos eventos, da fotografia e do vídeo. Além das oito horas que fazia no banco, acumulava mais duas ou três com os projetos paralelos. A certa altura, começou a ser complicado gerir tudo. “Quando a minha mulher ficou grávida, pensei que não podia continuar com essa vida. Aproveitei a licença parental de seis meses para montar a sociedade. Passei a trabalhar a meio tempo no banco para poder dedicar-me à minha agência”.

A F. Communications foi fundada em 2010, quando a filha nasceu. Mais tarde mudou o nome comercial da empresa para F. Agency. O “F” é, claro, de Flávio. “Foi o que me veio à cabeça. Sou bastante criativo, mas quando é para uso próprio, sou mesmo mau”, confessou, com uma gargalhada. Mais tarde, em 2017, deixou o trabalho no banco, porque já não lhe dava prazer. “Sou muito criativo e sentia-me numa prisão. Foi como autodidata que obtive todas as competências que tenho hoje”. Então decidiu colocar essas capacidades ao serviço da agência de publicidade. Por norma, trabalha sozinho, mas quando tem muito trabalho, contrata freelancers.

Na área da fotografia e do vídeo, também começou a aprender em projetos para o banco, nomeadamente para as redes sociais. Em vez de contratarem uma agência, solicitavam os serviços de Flávio. Foi assim que passou a ser conhecido.

“Um fotógrafo é uma pessoa que tem um olhar no mundo. Cada um tem o seu olhar. Há uns olhares que agradam mais, outros que agradam menos. Essas competências foram enriquecendo com a experiência”, afirmou. Por trabalhar sozinho, o preço também é mais interessante e pode ser “mais competitivo” no mercado.

Por ser bom naquilo que faz, a parte mais desafiante do trabalho não é tanto a parte técnica da fotografia, do vídeo ou do grafismo, mas a parte criativa. Enquanto alguns dos clientes já têm uma noção do que querem, outros aparecem sem ideias. “Essa parte é a que custa mais psicologicamente. Quando começo a tentar ter ideias, é uma tortura. Enquanto não encontro uma ideia, o cérebro está sempre a trabalhar. É algo que não se controla”. Por outro lado, esse processo criativo é também enriquecedor, porque dá gozo ver uma ideia a desenvolver e a tornar-se realidade.

Tudo o que são projetos criativos é o que motiva Flávio. “Um site de Internet para mim é como um bebé”, brinca. Mas se os clientes já tiverem ideias “muito fechadas” e não estiverem abertos a novas sugestões, o artista já não se sente tão à vontade, reconhece. “Preciso que me deem confiança. Tento adaptar-me, mas também sei que a partir de certo momento já não vou ser criativo e fazer apenas o que o cliente quer. Quando me dão confiança, as ideias saem”, disse o português, enquanto nos convida a visitar o seu espaço de trabalho, no andar de cima da casa.

A revolução já começou

O escritório de Flávio é como uma sala de brinquedos. Lá encontra-se todo o tipo de figuras Lego, quase todas da franquia Star Wars, da qual é fã assumido, e vários aparelhos eletrónicos: máquinas fotográficas e objetivas para todos os gostos, computadores, entre os quais um antiquinho iMac G4, e outras relíquias, num contraste entre o antigo e o moderno. Sentado em frente a um grande ecrã, vai mostrando os trabalhos que já realizou com o programa de IA. “Um dos meus próximos objetivos é fazer o mesmo com os políticos portugueses, talvez nas próximas eleições. Depende da inspiração”, assumiu.

Como trabalha por conta própria, a organização do tempo exige um “bocado de disciplina”. Depois de levar as crianças à escola – tem uma filha de 12 anos e um filho de sete – tem sempre algo para fazer. “Organizo-me conforme os projetos ou reuniões e faço um planeamento da

Os líderes dos três partidos mais votados nas eleições legislativas de 8 de outubro – Frieden do CSV, Bettel do DP e Lenert do LSAP – com uniformes de fórmula 1, como no pódio de uma corrida.

Imagem: F. Agency



“As coisas evoluíram muito rápido. Assusta, porque se pode pensar que talvez já não seja preciso um fotógrafo para fazer uma imagem.

Flávio da Costa

semana. O que é muito importante para mim é o prazo. As pessoas sabem que podem confiar se o prazo for respeitado. Até agora, sempre consegui ter uma organização bastante clara, mesmo havendo uns períodos mais stressantes do que outros”, afirmou o português.

Na verdade, Flávio pode trabalhar em qualquer lugar. Por vezes, sente a necessidade de sair de casa e vai para o café, para ficar “mais inspirado”, ou durante os treinos dos filhos na ginástica. “Consegui encontrar um equilíbrio, tenho sempre o computador comigo. Posso trabalhar onde quero”. A alma criativa herdou-a do pai e do avô, apesar de terem singrado numa arte diferente. “O meu pai teve muito sucesso na área dele. Fazia tudo com a madeira, tinha um talento manual. Inspira-me muito, porque tem essa parte criativa e talvez tenha herdado isso dele. E do meu avô também”.

Já Flávio nunca foi dotado para a carpintaria. Só experimentou uma vez e serviu-lhe de lição, recorda com um sorriso. Trabalhou durante três semanas quando era estudante, para “ganhar uns tostões”. Foi aí que soube que aquilo não era para

ele. “Andava para cima e para baixo a mudar janelas de um liceu. Gosto da madeira, mas sou incapaz de fazer alguma coisa. Deixo isso para o meu pai”, brinca. Da mãe herdou o espírito de trabalhadora. “Era mulher de limpeza e também me ensinou bastante no sentido em que me mostrou que se quisesse alguma coisa na vida, tinha de trabalhar para isso”.

Os pais estão agora reformados e “vão e vêm” entre Cervães e o Luxemburgo. Flávio também mantém uma ligação com a região do Minho e sempre que pode vai lá. “É muito bonita e ainda há muitas tradições que são mantidas”. Até já pensa em desenvolver o seu negócio em Portugal, onde já tem alguns clientes. O objetivo é um dia passar a empresa aos filhos e, quem sabe, deixar o Luxemburgo. “Não me vejo a passar toda a vida aqui. Guardamos sempre aquela costela portuguesa. Tenho a dupla nacionalidade, mas o meu sangue é português”.

Enquanto o nosso fotógrafo vai capturando as imagens de Flávio, surge a ideia: E se em vez de uma fotografia, a capa do jornal fosse criada através da IA? O artista aceita o

desafio. “Muitas pessoas dizem-me que isto não é arte, porque pedimos à IA para fazer a imagem, mas é a criatividade que vai fazer o resultado. Cada pessoa pode ter a sua individualidade ao criar algo único. Por cada personagem, demorei entre meia hora e uma hora para terminar. Também tem valor pelo trabalho empenhado”, defendeu, lembrando, porém, que estas imagens não são fotografias. “São imagens criadas por uma máquina. Devemos utilizar outro nome”.

No futuro, alerta Flávio, o grande desafio será distinguir essas imagens das fotografias, especialmente quando partilhadas na Internet. Na opinião do português, devemos sempre partir do pressuposto de que tudo o que vemos é falso. “Hoje já não se pode olhar para uma fotografia e assumir que é verdadeira. O meu olhar também mudou. Tenho de procurar a informação que vai validar essa imagem”. Nesta nova era da Inteligência Artificial, as pessoas devem ter um olhar mais crítico. “É uma revolução que está a acontecer. Já começamos a fazê-la, mas não sabemos para onde vamos”.

Os 2 estão no ALDI,

a qualidade

sempre presente

No ALDI, a qualidade e a escolha andam de mãos dadas!

Face a dois produtos equivalentes, quer se trate de um produto da marca ALDI ou de uma grande marca, faz sempre a escolha certa, a da qualidade.

Comprove você mesmo!

Não perca nenhuma novidade do ALDI. Graças ao folheto digital.



Preços válidos de 30/10 a 05/11/23.



EMMER CLEVER